

## O acervo do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira: histórico, perfil e função

The collection of the Archive-Museum of Brazilian Literature: history, profile and function

Daniela Carvalho Sophia\*

**Resumo:** O artigo apresenta um estudo sobre o perfil do acervo do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa. Por meio de pesquisa bibliográfica e documental, o texto examina suas principais características e a evolução de alguns indicadores utilizados. As conclusões apontam para a necessidade de manutenção e aperfeiçoamento da AMLB como instrumento de incentivo à formação de coleções e arquivos para conservação e memória da produção literária brasileira.

Palavras-chave: Patrimônio. Arquivos literários. História da literatura. Arquivo-Museu de Literatura Brasileira.

**Abstract:** The article presents a study on the profile of the collection of the Archive-Museum of Brazilian Literature from the House of Rui Barbosa Foundation (*Fundação Casa de Rui Barbosa*). Through bibliographical and documentary research, the text examines its main features and the progress of some indicators used. Conclusions led to the urge for maintenance and improvement of the AMLB as a tool for encouraging the creation of collections and archives, for preservation and memory of the production of Brazilian Literature.

Key-words: Heritage. Literary archives. History of literature. Archive-Museum of Brazilian Literature.

### 1. Introdução

Em 1972, cria-se no Brasil uma entidade do setor cultural, sediada na Casa de Rui Barbosa, para subsidiar o acesso ao conhecimento sobre Literatura Brasileira: trata-se do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira (AMLB). O AMLB, que possui uma importância estratégica relativamente à proteção do patrimônio cultural literário brasileiro, reúne um acervo de 134 arquivos privados de escritores nacionais, uma coleção de documentos avulsos e um notável acervo museológico, formado por cerca de 1.400 peças (VASCONCELLOS, 2012). Ao conservar, estudar, expor e transmitir o patrimônio material concernente ao fazer literário e ao seu meio, o AMLB tornou-se um importante local para salvaguarda de acervos dessa natureza<sup>1</sup>.

As mudanças políticas e administrativas recentemente levadas a cabo no país e o surgimento de novas tecnologias para manter e divulgar os arquivos do AMLB têm

---

\* Doutora em História das Ciências (COC/Fiocruz) e Analista em Ciência e Tecnologia da Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB/MINC). [daniela.sophia@rb.gov.br](mailto:daniela.sophia@rb.gov.br)

<sup>1</sup> As atividades empreendidas pelo AMLB no âmbito do fazer museológico vão ao encontro do disposto no estatuto de 2007 do Conselho Internacional de Museus (Icom): “o museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, estuda, expõe e transmite o patrimônio material e imaterial da humanidade e do seu meio, com fins de estudo, educação e deleite” (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2009).

imposto novos desafios ao Arquivo-Museu. Assim, faz-se imperioso examinar instrumentos e métodos que subsidiem os gestores com informações mais detalhadas sobre o perfil desse acervo, de forma a proporcionar uma melhor compreensão do que representa a entidade, especialmente nesse contexto de transformações em marcha. No entanto, os desafios apresentados são diversos, tendo em vista a composição desse *corpus* arquivístico e a dupla função exercida pelo AMLB, a saber: a de repositório de material arquivístico e, ao mesmo tempo, de museu, conservando, estudando, expondo e transmitindo o patrimônio material e imaterial de escritores brasileiros.

Não obstante seu reconhecimento como local para recebimento, conservação e guarda de arquivos de intelectuais da Literatura, no âmbito institucional algumas questões ainda precisariam ser mais bem elucidadas e sistematizadas, tais como: de onde eram os titulares do AMLB? Quais as reais funções por eles exercidas? Qual a área de formação deles? Qual o perfil intelectual dos titulares? E, por último, a questão em torno da qual este trabalho desenvolve-se: como o Arquivo-Museu de Literatura Brasileira constituiu-se, por fim, em ponto de referência para esse tipo de acervo?

Para responder essas perguntas, pretendi traçar um panorama das principais características do acervo do AMLB no cenário da pesquisa, demarcando algumas singularidades e regularidades observáveis no perfil de seus titulares. No intuito de fornecer um enquadramento desse perfil, realizei um levantamento das informações contidas nos verbetes biográficos produzidos na publicação “Guia do Acervo do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira” (VASCONCELLOS, 2012). A partir de uma tabulação dos dados em planilha Excel, foram elaboradas as seguintes tabelas: *Década de nascimento dos titulares*; *Local e região de Nascimento*; *Funções assumidas*; *Curso de formação*; *Quantitativo de integrantes de agremiações literárias*; *Titulares membros da Academia Brasileira de Letras*; *Funcionários públicos titulares de acervo*; e *Quantitativo de titulares contemplados em premiações literárias*. Essas informações foram complementadas por referências contidas nos sites da *Enciclopédia Itaú Cultural*<sup>2</sup> e *Academia Brasileira de Letras*<sup>3</sup>.

## 2. Antecedentes

Primeiramente, apresentarei algumas considerações acerca da criação do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira. Seu surgimento está vinculado a um conjunto

<sup>2</sup> Ver <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/>>.

<sup>3</sup> Ver <<http://www.academia.org.br/>>.

de fatores que perpassam o campo político, a articulação institucional e a adoção de estratégias que justificam e valorizam sua existência, manutenção, crescimento e consolidação. A criação do AMLB teve no seu percurso forte relação com as transformações que vinham ocorrendo no contexto político brasileiro e, conseqüentemente, na própria Fundação Casa de Rui Barbosa. É preciso lembrar aqui que, entre 1969 e 1973, o país passava pelo denominado “milagre econômico”, combinando um grande crescimento com taxas baixas de inflação (FAUSTO, 2001, p. 268). Nessas circunstâncias tão propícias, a Casa de Rui Barbosa - em intensa reforma por um longo período, a partir de janeiro de 1972 - é reaberta ao público, em 1972, mesmo ano de fundação do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira.

Em 11 de julho ainda desse ano, no Suplemento Caderno B do *Jornal do Brasil*, foi publicada a crônica “Museu: Fantasia?”, de Carlos Drummond de Andrade. Nela, o poeta ressaltava a necessidade de criação de “um órgão especializado, de um museu vivo que preservasse a tradição escrita brasileira, constante não só de papéis como de objetos relacionados com a criação e a vida dos escritores” (ANDRADE, 1972, pg. 5). Disse Drummond:

Meu sonho é ver reunidos, em sala bem arrumada, o manuscrito de *Iracema*, o tinteiro de Alphonsus de Guimarães, o caderno de exercício de alemão de Machado de Assis e uma lembrança de Lima Barreto e mais isso ou aquilo que nos restitua a presença, o esforço criador, a esquecida memória dos que, no Brasil, praticavam o ofício da palavra (ANDRADE, 1972, p.5).

O AMLB foi instituído por meio da Portaria nº 5, de 18 de outubro de 1972, publicada no Diário Oficial do Estado da Guanabara em 4 de dezembro de 1972, e tinha como objetivo conservar e expor manuscritos e objetos que pertenceram a grandes vultos do mundo literário, recebidos diretamente deles ou de seus familiares. Integram o acervo do AMLB:

- i) correspondências;
- ii) originais de obras literárias;
- iii) coleções de jornais e revistas completas ou seus recortes;
- iv) documentação iconográfica e fonográfica; e
- v) objetos pessoais.

De acordo com o conteúdo da portaria de criação, o Arquivo-Museu deveria ser dirigido por um especialista notoriamente reconhecido, cuja designação, aprovada pelo

presidente da Fundação Casa de Rui Barbosa (CRB), caberia ao diretor-executivo da CRB, a quem ficaria subordinado.

O evento de inauguração, no dia 28 de dezembro daquele mesmo ano, foi o primeiro grande movimento da CRB no intuito de angariar acervos para o arquivo-museu recém-criado. Naquele momento, em sintonia com o clima de inauguração promovido, tinha-se como propósito criar uma entidade que pudesse ter como alicerce a salvaguarda da memória literária. Assim ressaltou o então diretor do centro de pesquisas da CRB, Maximiano de Carvalho e Silva, durante a solenidade de abertura do AMLB: “Se não havia o hábito de conservarem, em ambiente adequado, os originais manuscritos ou datilografados das obras literárias, é tempo de se corrigir essa omissão, criando-se instituições especificamente com tal finalidade” (CARVALHO E SILVA, 1972, p.3).

Na ocasião da inauguração, um convite endereçado a escritores pelo então diretor do AMLB, Plínio Doyle, comunicava a instalação do Arquivo e os convidava a enviar material para compor seu acervo<sup>4</sup>. O texto do convite era assim finalizado: “Qualquer doação que venha a ser feita estará contribuindo para a garantia e a permanência da memória literária nacional”. O trabalho de divulgação estendeu-se e, para estimular a doação de acervos, Carlos Drummond de Andrade, em 4 de janeiro de 1973, publicou crônica intitulada “Em São Clemente, 134”. Nela, o cronista informa sobre a inauguração do Arquivo-Museu de Literatura, “possível semente de outros”, e conclui:

Colecionador ou não colecionador, que tenha em casa um retrato ou uma carta, um poema, um documento de escritor brasileiro digno de nome de escritor, e pode com ele *enulentar* [SIC] o arquivo-museu menino, dirigido pelo espírito público de Plínio Doyle na Casa de Rui Barbosa: faça um ‘beau geste’, mande isso para São Clemente 134, e terá oferecido a si mesmo um prêmio de uma satisfação generosa. (ANDRADE, 1973, p.5)<sup>5</sup>.

Ademais, ressalta-se, ainda, a realização de exposições que tiveram o propósito não somente de divulgar o acervo recém-adquirido, mas, sobretudo, de angariar novos arquivos para a instituição recém-criada. Em 1974, foi realizada, entre os dias 4 e 30 de junho, a Exposição Memória Literária em comemoração à doação da

<sup>4</sup> Um folheto distribuído aos presentes por ocasião das solenidades do dia 28 de dezembro de 1972 enumerava os primeiros doadores do AMLB: Alphonsus de Guimaraens Filho, Álvaro Cotrim (Alvarus), Antônio Carlos Villaça, Aurélio Buarque de Hollanda Ferreira, Carlos Drummond de Andrade, Fernando Monteiro, Laura Rodrigo Octavio, Maximiano de Carvalho e Silva, Plínio Doyle, Raul Bopp, Raul Lima, Roberto Silva Ramos e Rosita Martins Moreira (fonte: AMLB).

<sup>5</sup> No contexto do AMLB, destaca-se ainda o encontro de intelectuais na casa do então diretor do Arquivo-Museu, Plínio Doyle, que desde 1964 realizava, em sua residência na Rua Barão de Jaguaripe, encontros literários que compunham o “Sabadoyle” e contavam com um expressivo número de intelectuais.

milésima peça ao AMLB (CRB, 1974). Em 1975, no período de 1º a 30 de março (CRB, 1975), uma segunda edição da exposição foi organizada em homenagem à Academia Brasileira de Letras e em comemoração ao 2.000º documento integrado ao acervo. Houve ainda a organização de palestras literárias, denominadas “Vultos da Literatura Brasileira”, ocorridas ao longo dos anos de 1984 e 1985<sup>6</sup>.

Naquele período, foram envidados esforços financeiros não somente para a organização da exposição, mas, sobretudo, para a instalação do Arquivo-Museu. As primeiras iniciativas para estruturá-lo aconteceram posteriormente ao período de inauguração, em julho de 1973, pelo diretor-executivo da Fundação Casa de Rui Barbosa, Irapoan Cavalcanti de Lyra, que solicitou, em ofício de 2 de julho de 1973 endereçado ao diretor de assuntos culturais do MEC, Renato Soeiro, um aporte de 30 mil cruzeiros para cobrir as despesas de instalação do Arquivo-Museu. Os recursos, de acordo com o anexo do ofício, foram assim repartidos: aluguéis - 22 mil cruzeiros; material de consumo - 2 mil cruzeiros; e reserva técnica - 6 mil cruzeiros; e sua transferência foi prontamente atendida por meio de um convênio celebrado entre o Departamento Cultural do MEC e a Casa Rui Barbosa (CRB, 1973b).

A primeira direção da entidade foi assumida pelo advogado e bibliófilo Plínio Doyle, que se manteve na direção até o ano de 1990. Desde então, a gestão do AMLB tem estado a cargo de pesquisadores e técnicos da área de arquivo, museu e literatura, como mostra a Tabela 1 a seguir.

O período compreendido entre 1972 - ano da criação do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira - e 2012 - ano de publicação do *Guia do acervo do AMLB* - foi caracterizado pelo recebimento de novos arquivos e pelo aperfeiçoamento do sistema de consulta. De fato, durante os 40 anos de funcionamento da instituição, o AMLB expandiu suas atividades e se destacou tanto pelo aprimoramento dos seus procedimentos técnicos, em especial dos seus instrumentos de pesquisa, quanto pelo aumento do número de pesquisadores atendidos. Destaca-se, nesse ínterim, a publicação de inventários analíticos, a partir de 1986, com o objetivo de “facilitar o

---

<sup>6</sup> Registre-se a ocorrência das palestras “Alphonsus de Guimarães”, proferida em 29 de junho de 1984 por Alphonsus de Guimarães Filho; “Jackson de Figueiredo”, por Antônio Carlos Vilaça, em 31 de julho de 1984; “Bernardo Guimarães”, por Maria José de Queiros, em 21 de agosto de 1984; “José de Alencar”, por Wilson Martins, em 3 de setembro de 1984; “San Tiago Dantas – o escritor”, por Marcílio Marques Moreira, em 19 de setembro de 1984; “Alceu Amoroso Lima”, por J. Guilherme de Aragão, em 29 de outubro de 1984; “Expressão Linguística de Lima Barreto”; “Machado de Assis e a Rua do Ouvidor”, por Marcos Almir Madeira; “Euclides da Cunha”, por Silvio Castro; “Revisão de Basílio da Gama”, por Mário Camarinha; “João Ribeiro”, por Jesus Belo Galvão; “Casimiro de Abreu”, por Maximiano de Carvalho e Silva, em 30 de abril de 1985; “Auta de Sousa”, por Homero Homem; “Thiers Martins Moreira”, por Cleonice Berardinelli, em 28 de agosto de 1985; e “Osman Lins”, por Sônia Brayner, em 18 de setembro de 1985.

acesso às informações e o atendimento ao pesquisador” (VASCONCELLOS, 2012, p.13). A seguir, será apresentado o perfil do acervo do AMLB ao longo do período compreendido entre os anos de 1972 e 2012.

Tabela 1 - Gestores do AMLB (1972-2016)  
Fonte: *Guia do Acervo do AMLB (VASCONCELLOS, 2012)*

Período	Gestores do AMLB
1972-1990	Plínio Doyle – advogado
1979 e 1982	José Galante de Sousa – bibliotecário
1990-1994	Beatriz Folly – museóloga
1994-2009	Eliane Vasconcellos – museóloga/Letras (Lingua Portuguesa-Literatura)
2009	Eduardo Coelho – Letras
2004-2012	Laura Regina Xavier – arquivista
2012-atual	Rosângela Florido Rangel – arquivista

### 3. Perfil do acervo do AMLB

O acervo do AMLB é composto por arquivos pessoais de escritores brasileiros representantes, sobretudo, da escola modernista - da primeira, segunda e terceira geração. Estão sob a guarda do AMLB arquivos pessoais de Manuel Bandeira, Clarice Lispector, Carlos Drummond de Andrade, Vinícius de Moraes, entre outros. Além disso, encontram-se na instituição arquivos pessoais de Antônio Sales e de Cruz e Sousa - representantes, respectivamente, das correntes literárias parnasianismo e simbolismo.

Não obstante a dificuldade de realizar um levantamento sobre os escritores a partir de suas diferentes escolas literárias - a empreitada é por demais complexa, dada a vinculação das obras a mais de uma escola -, optou-se, neste trabalho, pelo recorte geracional no intuito de contribuir para o estudo dos itinerários e entrelaçamentos intelectuais. De acordo com levantamento realizado a partir da data de nascimento dos titulares do AMLB, o acervo abarca um período compreendido entre os anos de 1841 - data de nascimento de José de Alencar - até os dias atuais. Há que registrar aqui que muitas doações foram feitas em vida e muitos titulares ainda se mantêm em atividade. Observa-se ainda que 69% dos escritores nasceu no século XX, predominantemente

nas duas primeiras décadas (37%). A maior parte dos nascimentos dos titulares no século XIX ocorreu na última década, conforme Gráfico 1, a seguir.

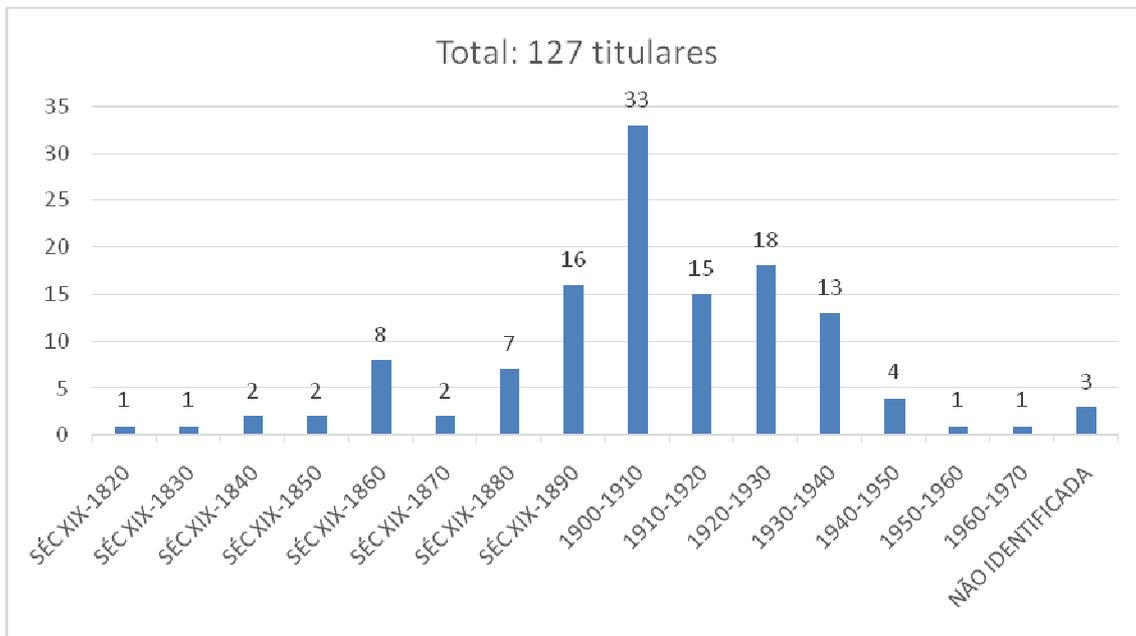


Gráfico 1 - Década de nascimento dos titulares do acervo do AMLB  
Fonte: Guia do Acervo do AMLB (VASCONCELLOS, 2012)

O Gráfico 2 apresenta o local de nascimento dos titulares do acervo e o Gráfico 3, a região de nascimento. A maior parte dos titulares é proveniente da região Sudeste (72) - Rio de Janeiro (40), Minas Gerais (22), São Paulo (8) e Espírito Santo (2) -, seguido pelo Nordeste (27) - destacando-se os estados de Pernambuco (7), Alagoas (6) e Paraíba (6) - e pelo Sul (12) - destacando-se os estados do Rio Grande do Sul (7) e Paraná (4). Não houve ocorrência de escritores titulares de acervo no AMLB provenientes de estados localizados na região Centro-Oeste. Por outro lado, a quantidade de titulares provenientes da região Sudeste representa 55% do total, como ilustra o gráfico a seguir. Destaca-se ainda que alguns escritores são provenientes de outros países, como no caso de Clarice Lispector, nascida na Ucrânia; Trudi Landau, na Alemanha; Corina Coaraci, nos Estados Unidos; José Geraldo Vieira, em Portugal; Luís Viana Filho, na França; Otto Maria Carpeaux, na Áustria; Sílvio Miraglia, na Itália; e Leon Eliachar, no Egito.

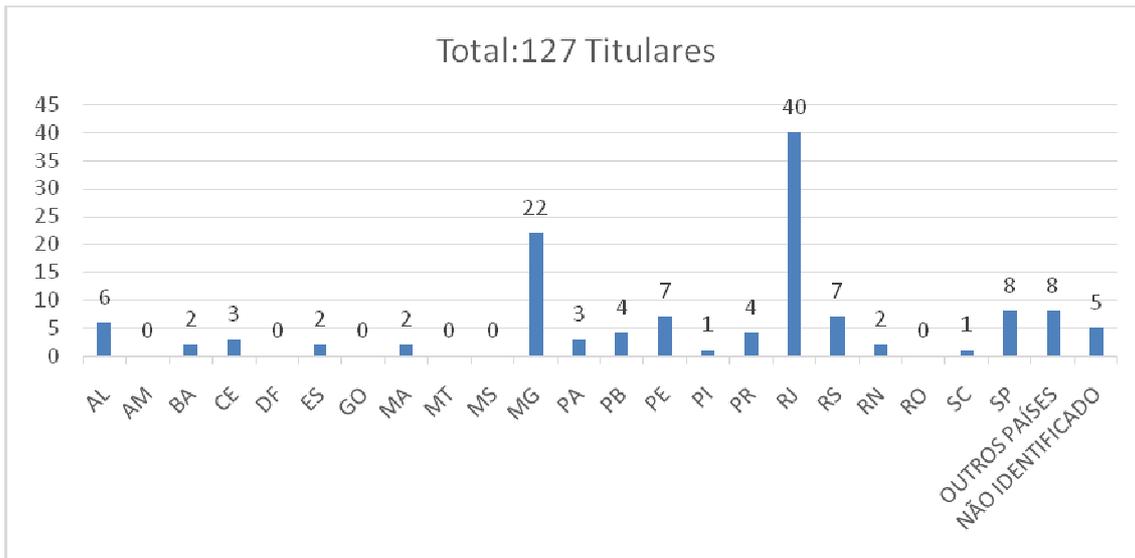


Gráfico 2 - Local de nascimento dos titulares do acervo do AMLB.  
Fonte: *Guia do Acervo do AMLB* (VASCONCELLOS, 2012)

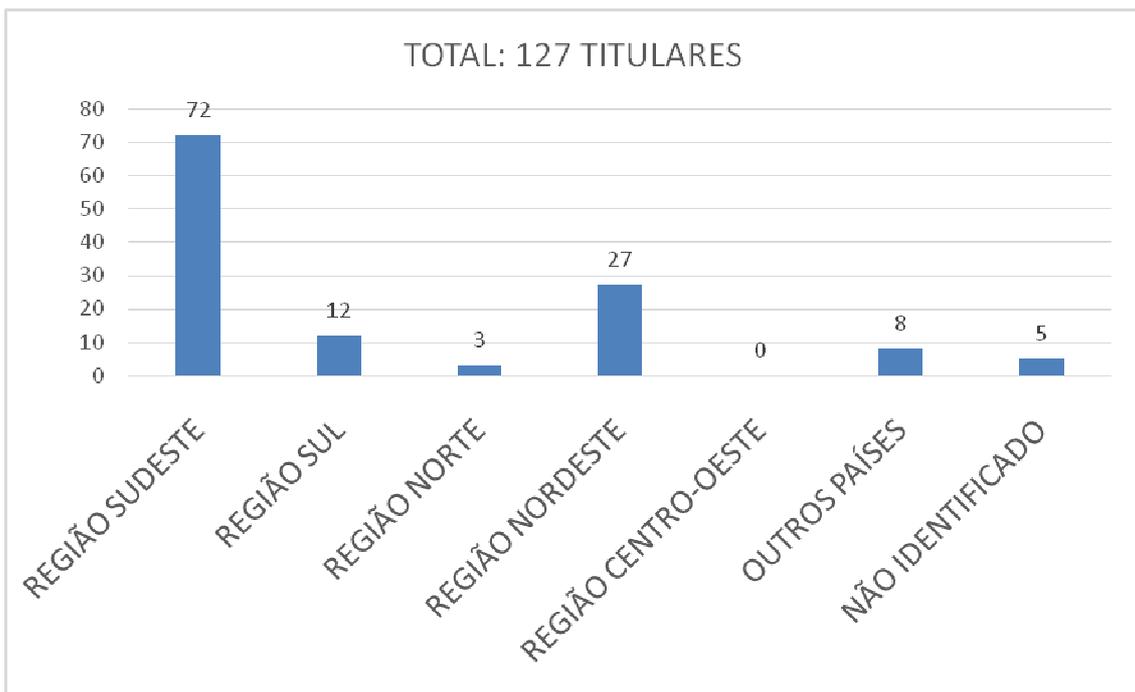


Gráfico 3 - Região de nascimento dos titulares do acervo do AMLB.  
Fonte: *Guia do Acervo do AMLB* (VASCONCELLOS, 2012)

O Gráfico 4 apresenta a frequência das funções assumidas pelos titulares do arquivo, segundo informações disponíveis no *Guia do Acervo do AMLB* (2012). A partir do levantamento realizado, foi possível observar que a maior parte dos titulares foram identificados como poetas (56) e jornalistas (54), seguidos por denominações como

ensaísta (40), romancista (38), contista (37) e professor (27), dentre as demais categorias contidas no gráfico a seguir<sup>7</sup>.

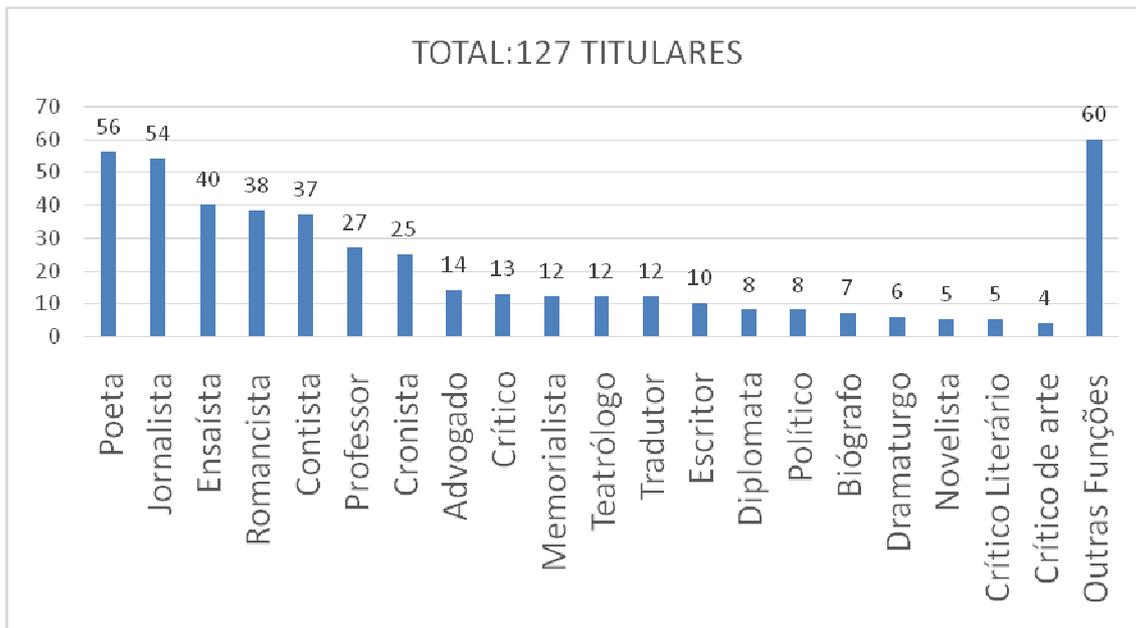


Gráfico 4 - Funções assumidas pelos titulares do acervo do AMLB.  
Fonte: Guia do Acervo do AMLB (VASCONCELLOS, 2012)

A tentativa de delinear um perfil para os titulares do acervo do AMLB, a partir dos traços característicos citados, suscitou a seguinte questão, que determina, em seu fim, as funções atribuídas por eles mesmos às suas atividades e ao seu lugar no mundo: quais as funções e o estatuto social dos titulares do acervo do AMLB, qual a utilidade social dos ofícios e atividades por eles desempenhadas? Interrogar isso é questionar-se, sobretudo, sobre a imagem que os próprios titulares possuíam acerca de seu universo pessoal e social.

Nesse sentido, o relevante não é negar a utilidade de todas as funções enumeradas, mas impregná-las das relações sociais e políticas que contribuem para a construção e manutenção de suas identidades como intelectuais e literatos. Assim, em lugar de considerar evidente o pertencimento dos titulares do arquivo do AMLB a grupos sociais e intelectuais relacionados ao fazer literário, sugere-se inverter a perspectiva de análise e se interrogar sobre o modo pelo qual as relações criam solidariedades, alianças e, enfim, grupos sociais e intelectuais (CERUTTI, 1998,

<sup>7</sup> Outras funções assumidas: aeroviário, agrimensor, argumentista, arquivista, ator, bancário, caricaturista, cineasta, comerciário, compositor, conferencista, crítico de cinema, editor, educador, farmacêutico, filólogo, folclorista, funcionário de cartório, funcionário público, guarda-livros, historiador, humorista, pintor, publicitário, radialista e telegrafista.

p.183). O problema é, pois, compreender o papel que as funções descritas ocupam na formação das identidades dessas personalidades e, conseqüentemente, como elas tipificam e qualificam seus acervos como pertencentes à memória literária brasileira.

Nessa linha, cabe mencionar uma segunda questão a ser delineada: trata-se da reconstrução das possibilidades institucionais de agregação e dos lugares afinados com a manutenção da memória pelos quais tais funções foram, enfim, levadas a cabo em relações políticas, institucionais e afetivas vivenciadas. Ressalta-se aqui, em sintonia com o que postula François Sirinelli (2003), a importância da existência de locais de sociabilidade na formação de um intelectual. Ocorre que não há um meio intelectual sem um espaço público que dê sentido à sua atividade de criação cultural, garantindo-lhe certa autonomia. Os lugares de sociabilidade são, pois, uma condição para a elaboração intelectual, a organização do grupo em função de uma sensibilidade ideológica ou cultural comum e de afinidades que alimentam o desejo e o gosto de conviver e o estreitamento de vínculos, por intermédio de um certo tipo de rede que varia conforme as épocas e os subgrupos de intelectuais estudados (SIRINELLI, 2003).

Dentre os espaços de agregação dos grupos intelectuais enumerados na reconstrução da síntese biográfica, foi possível observar que a universidade constituiu um importante local de encontro, formação e sociabilidade para parte do grupo. A seguir, o Gráfico 5 apresenta o curso de formação dos titulares do arquivo, segundo informações disponíveis no *Guia do Acervo do AMLB* (2012). Dos 127 titulares constantes no *Guia do Acervo*, 48% (61) tiveram passagem por uma universidade. Ressalta-se que o maior número de ocorrências se refere à formação na área do Direito, tendo como principais centros formadores a Universidade Federal do Rio de Janeiro, a Universidade de São Paulo, a Universidade Federal da Bahia, a Universidade Federal do Recife e a Universidade Federal de Minas Gerais.

Dentre as Faculdades de Medicina, destaca-se a opção pelo curso na Universidade Federal do Rio de Janeiro. No que diz respeito ao perfil das instituições frequentadas pelos titulares, ressalta-se ainda o fato de os cursos serem ofertados por universidades públicas federais e estaduais localizadas, em sua grande maioria, nas regiões Sudeste (Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo) e Nordeste (Bahia, Pernambuco e Recife).

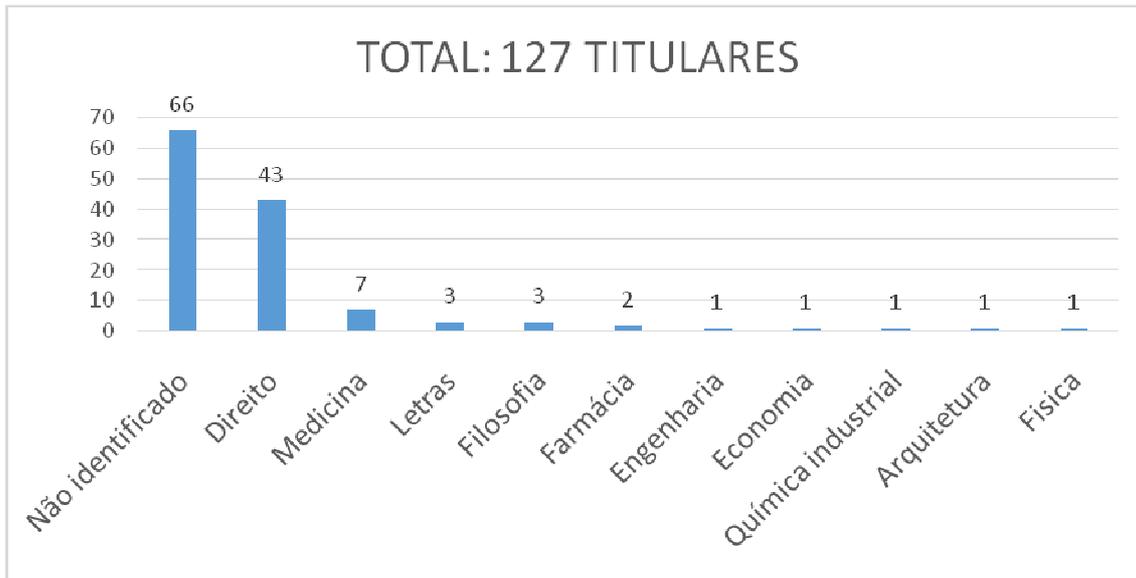


Gráfico 5 - Curso de formação dos titulares do acervo do AMLB.  
Fonte: Guia do Acervo do AMLB (VASCONCELLOS, 2012)

As agremiações literárias também tiveram importante papel na trajetória intelectual de parte dos titulares. O pertencimento a tais agremiações, cujo objetivo é o cultivo da língua e da literatura nacionais, significou na formação dos intelectuais literatos um importante espaço de formação e de sociabilidade, definindo identidades e percursos. Dentre esses coletivos, destacam-se a Academia Brasileira de Letras (ABL)<sup>8</sup>, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e o Pen Clube do Brasil. Academias literárias localizadas em diferentes estados e municípios também se constituem em relevantes espaços de encontro.

As principais são: Academia Mineira de Letras, Academia Paulista de Letras, Academia Fluminense de Letras, Academia Cearense de Letras, Academia Piauiense de Letras, Academia Maranhense de Letras, União Brasileira de Escritores, Academia Petropolitana de Letras, Academia de Letras da Bahia, Academia de Letras do Rio de Janeiro, Academia Espírito-Santense de Letras, Academia Pernambucana de Letras, Academia de Letras do Rio Grande do Sul, Academia Alagoana de Letras e Academia Brasiliense de Letras. Segue abaixo levantamento contendo o número de titulares de associações literárias (Gráficos 6 e 7).

<sup>8</sup> Titulares de acervo membros da ABL: Abgar Renault, Afonso Arinos, Afonso Pena Junior, Antônio Callado, Augusto Meyer, Carlos Castelo Branco, Carlos de Laet, Cyro dos Anjos, Genolino Amado, Gilberto Amado, Graça Aranha, João Cabral de Melo Neto, Lucio de Mendonça, Luis Vianna Filho, Manuel Bandeira, Marques Rebelo, Peregrino Junior, Raimundo Magalhães Junior, Ribeiro Couto, Rodrigo Otavio Filho e Salvador de Mendonça.

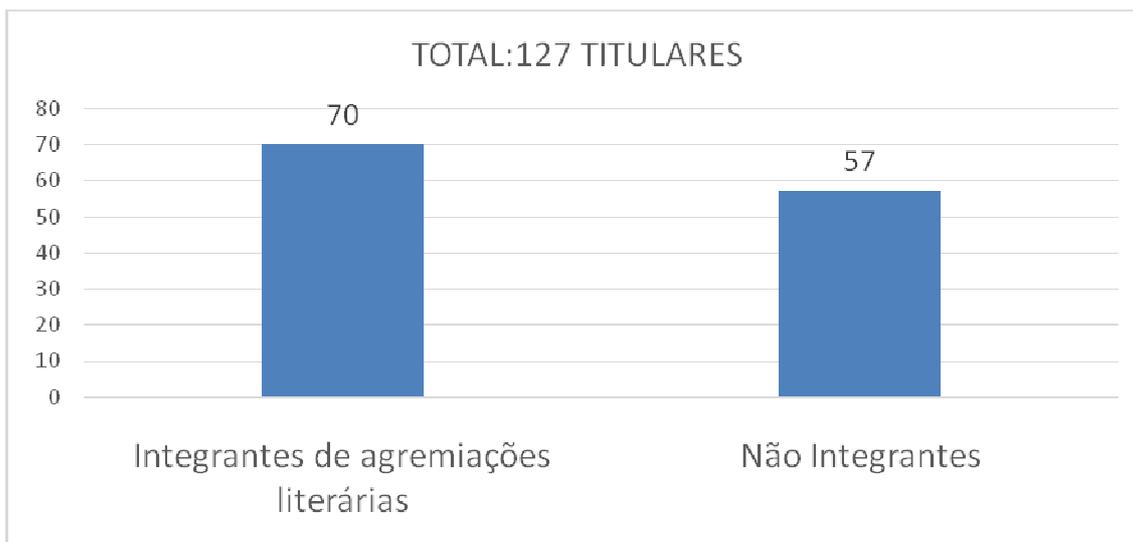


Gráfico 6 - Titulares integrantes de agremiações literárias.  
 Fonte: Guia do Acervo do AMLB (VASCONCELLOS, 2012)

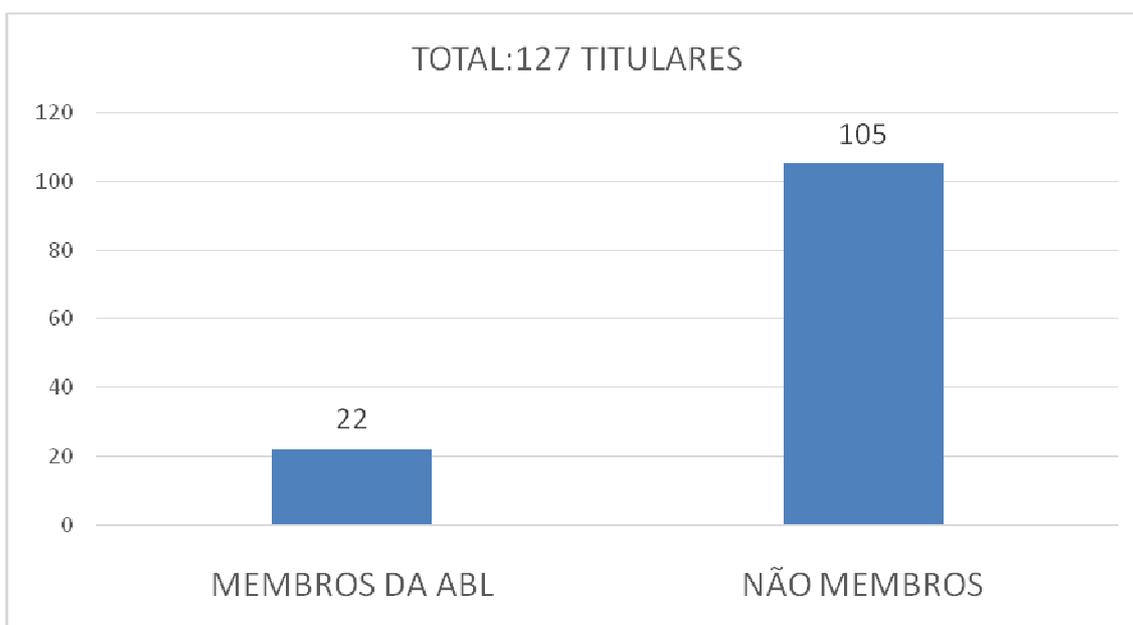


Gráfico 7 - Titulares membros da Academia Brasileira de Letras.  
 Fonte: Guia do Acervo do AMLB (VASCONCELLOS, 2012)

Além dos locais de encontro enumerados, há ainda um espaço que compõe o caleidoscópio por meio do qual a cultura política e literata do grupo é formada: trata-se do vínculo que parte dos escritores tiveram com instituições públicas, importantes locais na trajetória de parte dos titulares. Tal fato chegou até mesmo a motivar um de seus mais ilustres representantes, Carlos Drummond de Andrade, a qualificar a Literatura Brasileira como uma “literatura de funcionários públicos” (ANDRADE, 1952, apud RODRIGUES, 2015, f.32). De acordo com Rodrigues (2015) - que examina o

tema do funcionário público na narrativa curta de ficção brasileira desde a Primeira República até a atualidade -, muitos escritores seguiam a carreira estatal, chegando, inclusive, a incorporar a suas criações ficcionais a figura do funcionário público, quase sempre por um viés crítico e desencantado. A seguir, um levantamento mostra o número de titulares de acervo no AMLB que trabalharam como servidores públicos de um ou mais de um dos três poderes (Executivo, Legislativo e Judiciário) em alguma das três esferas (União, estados e municípios).

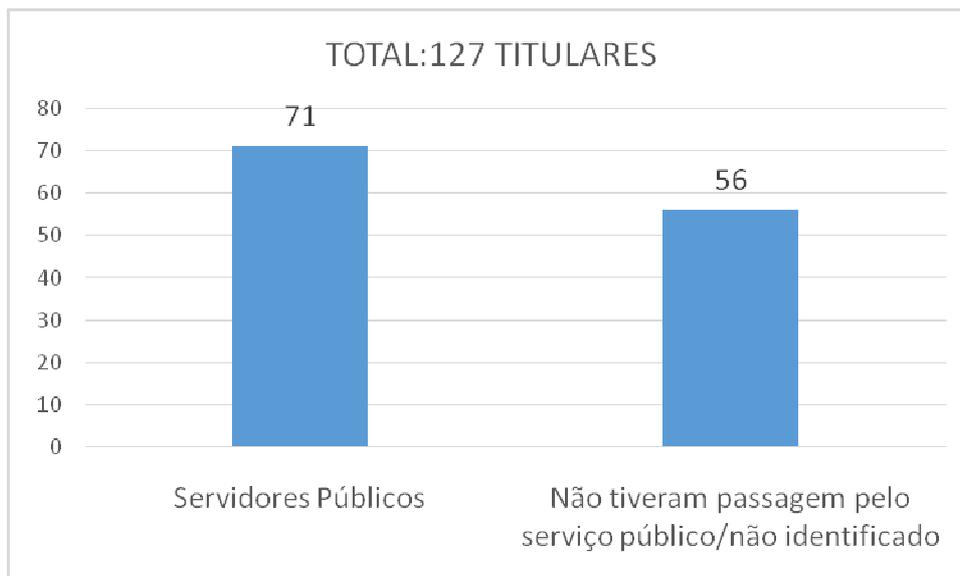


Gráfico 8 - Funcionários públicos titulares de acervo.  
Fonte: Guia do Acervo do AMLB (VASCONCELLOS, 2012)

Em decorrência da inserção no serviço público, pode ser observada outra característica na leitura da trajetória dos titulares do acervo: é significativo o fato de muitos deles terem obtido importantes cargos na estrutura governamental, tanto no Poder Executivo quanto no Legislativo e Judiciário, o que mostra a porosidade da política em relação à produção intelectual. Em um sentido mais amplo, esse tipo de participação não só demarca um espaço de atuação, como também parece proporcionar a reivindicação do reconhecimento do papel dos titulares nas transformações conjunturais. A ascensão profissional - característica marcante na biografia de parte dos titulares do acervo do AMLB - parece ter estado fortemente relacionada com a integração, na administração pública, de parte do grupo de intelectuais literatos, que chegaram a ocupar importantes cargos no alto escalão do governo nas diferentes conjunturas políticas. Do amplo rol de nomes nessa situação, poderíamos destacar os casos emblemáticos de Carlos Drummond de Andrade, chefe

de gabinete do ministro Eduardo Capanema, e Rodrigo Melo Franco de Andrade, diretor do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN).

Nas trajetórias biográficas dos titulares do acervo, outro ponto chamou atenção: a presença de premiações literárias recebidas por eles são, sobretudo, distinções sociais e profissionais que parecem formar, em última instância, marcas biográficas, assegurando identidades individuais e coletivas, demarcando espaços e estabelecendo meios de atuação, fato que muito contribui para a composição do caleidoscópio por meio do qual o perfil do acervo foi se constituindo. Os prêmios parecem representar princípios de diferenciação que estabelecem fronteiras socioculturais e que determinam o acúmulo de forças dos titulares, assim como suas posições no campo literário; em última instância, para os agraciados, significa a admissão em uma seleção de notáveis da literatura nacional (BOURDIEU, 2001). Muito interessa elencar alguns prêmios recebidos e que reiteradamente são lembrados em notas biográficas: Prêmio Machado de Assis, que desde 1941 é oferecido pela Academia Brasileira de Letras a escritores nacionais, em reconhecimento à sua obra; Prêmio Jabuti, criado em 1958; Prêmio Assis Chateaubriand, oferecido pela ABL aos melhores artigos literários; e Prêmio Afonso Arinos, que seleciona os melhores contos publicados, dentre outros.

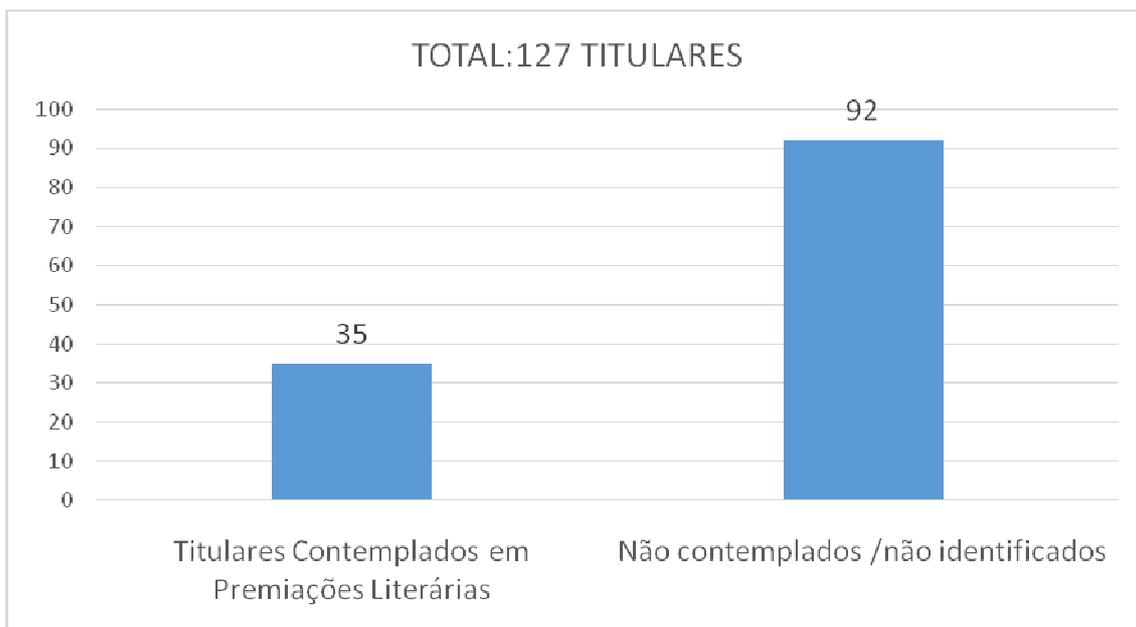


Gráfico 9 - Quantitativo dos titulares contemplados em premiações literárias.  
Fonte: Guia do acervo do AMLB (VASCONCELLOS, 2012)

Algumas tendências podem ser observadas a partir dos levantamentos feitos. Trata-se, primeiramente, de um Arquivo-Museu cuja identidade relaciona-se primordialmente a acervos concernentes a escritores nascidos na primeira década do século XX, provenientes, em grande parte, de estados localizados na região Sudeste, especialmente da cidade do Rio de Janeiro. Os locais de sociabilidade por eles frequentados relacionam-se, sobretudo, às universidades, agremiações literárias e instituições vinculadas ao serviço público, o que contribui para a elaboração intelectual, alimentando o desejo, o gosto de conviver e promovendo o estreitamento de vínculos. Por fim, como fator de distinção, identifica-se que uma parte dos titulares foi contemplada em premiações literárias. Todas essas regularidades parecem contribuir na composição do caleidoscópio de uma história literária.

#### **4. Considerações finais**

Neste artigo, procurei identificar o perfil do acervo do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira, demarcando suas singularidades e regularidades observáveis. Tal opção metodológica aporta, no entanto, alguns limites que dizem respeito à tentativa de construção e delineamento de uma história do AMLB. No que diz respeito a esse desejo, firma-se - em sintonia com o que pensa Michael Ignatieff (1987) - que o tema verdadeiro da história das instituições não deva ser o que acontece entre quatro paredes, mas a relação histórica entre o dentro e o fora (IGNATIEFF, 1987). O verdadeiro significado atribuído ao AMLB, destarte, encontra-se no valor simbólico e nos efeitos que produz na sociedade, na opinião pública.

Destaca-se ainda que os acervos disponíveis portam valores e objetivos de diversos atores, que lhes dão diferentes significados, formando variadas histórias, culturas e interesses em jogo no processo que alimenta e contribui na construção dessa história. Utilizando as palavras de Pollak (1989), não se trata de lidar com os fatos sociais como se fossem coisas, mas de analisar como eles se tornam coisas, como e por quem eles são solidificados e dotados de duração e estabilidade. A tarefa deve ser a de fazer aparecer, por trás dessa tendência geral mais visível, “as estratégias sociais desenvolvidas pelos diferentes atores em função de sua posição e de seus recursos respectivos, individuais, familiares” (REVEL, 1998, p. 22).

Outra reflexão diz respeito ao papel do AMLB como importante instituição de memória, preservação, guarda e divulgação de acervos relacionados à Literatura Brasileira. O crescente uso de seu acervo pela comunidade acadêmica é um indicador

que permite avaliar a expressividade do Arquivo-Museu em relação às atividades levadas a cabo pela Fundação Casa de Rui Barbosa. Contudo, percebe-se que, a despeito de sua relevância como instituição de memória, faz-se necessário incentivar iniciativas que promovam a divulgação permanente de seus acervos constituídos, como a realização de exposições, de projetos educativos em parceria com escolas e universidades, dentre outras importantes ações na área de educação e comunicação. Tudo isso está em cena para manter o AMLB, definindo seu respectivo lugar como instituição de salvaguarda da memória literária brasileira.

## Referências

- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Passeios na Ilha*. Divagações sobre a vida literária e outras matérias. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1952.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Museu: fantasia?* Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 11 jul. 1972. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015\\_09&pasta=ano%20197&pesq=Museu%20:%20Fantasia](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_09&pasta=ano%20197&pesq=Museu%20:%20Fantasia)>. Acesso em: 29 abr. 2016.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Em São Clemente, 134*. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, edição 257, 4 jan. 1973. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015\\_09&pasta=ano%20197&pesq=a%20ideia%20nasceu%20nas%20conversas](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_09&pasta=ano%20197&pesq=a%20ideia%20nasceu%20nas%20conversas)>. Acesso em: 29 abr. 2016.
- BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- CARVALHO E SILVA, Maximiliano de. *O Centro de Pesquisas da Casa Rui Barbosa- 20 anos de atividade (1952-1972)*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1972.
- CERUTTI, Simona. Processos e experiência: indivíduos, grupos e identidades em Turim no século XVII. In: REVEL, Jacques (Org.). *Jogos de escala: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. p.173-201.
- CRB. FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. *Convite para as solenidades de 28 de dezembro de 1972*. Rio de Janeiro, 1972.
- CRB. FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. *Relatório de Gestão*. Rio de Janeiro, 1973a.
- CRB. FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. *Processo 405/73.1973*. Rio de Janeiro, 1973b.
- CRB. FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. *Relatório de Gestão*. Rio de Janeiro, 1974.
- CRB. FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. *Relatório de Gestão*. Rio de Janeiro, 1975.
- DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François (Eds.). *Concepts clés de la Muséologie*. Paris: Armand Colin, 2009.
- FAUSTO, Boris. *História Concisa do Brasil*. São Paulo: Edusp-Imprensa Oficial do Estado, 2001.
- IGNATIEFF, Michael. Instituições totais e classes trabalhadoras: um balanço crítico. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v.7, n.14, p.185-193, 1987.
- POLLAK, Michael M.. Memória, esquecimento e silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.2, n.3, p.3-15, 1989.
- \_\_\_\_\_. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.5, n.10, p.200-212, 1992.

- RANGEL, Rosangela Florido. Sabadoyle: uma academia literária alternativa? 2008. 140 f. *Dissertação* (Mestrado Profissionalizante em Bens Culturais e Projetos Sociais), Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/2150/CPDOC2008RosangelaFloridoRangel.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 18 ago. 2016. Orientador: Fátima Rocha
- REVEL, Jacques. Microanálise e construção do social. In: REVEL, Jacques. *Jogos de escala: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. p.173-201. p.15-38.
- RODRIGUES, Marco A. Contos da vida burocrática: o funcionário público na narrativa curta de ficção brasileira. 2015. 164f. *Tese* (Doutorado), Programa de Pós Graduação em Literatura, Universidade de Brasília, Brasília, 2015. Orientador: Maria Isabel Edom Pires
- SIRINELLI, Jean F.. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (Org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: FGV; UFRJ, 2003. p.231 - 271.
- VASCONCELLOS, Eliane; XAVIER, Laura Regina. *Guia do acervo do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2012.
- VASCONCELLOS, Eliane. Manuscritos Literários e pesquisa. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v.45, n. 4, p. 20-24, out./dez. 2010.

---

Data de recebimento: 13.06.2016

Data de aceite: 16.08.2016